

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	2
Título: Brumas de uma tragédia ao sol	2
Título: Oito funcionários da Vale são presos; Promotoria mira cúpula da empresa	4
Título: Horário de verão acaba em 10 Estados e DF	6
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	7
Título: Vale assume compromisso de não demitir em Brumadinho	7
Título: Polícia prende 8 funcionários da Vale em MG	8
VEÍCULO: O Globo	9
Título: Brumadinho: polícia prende 8 funcionários da Vale	9
Título: ‘Corra, porque qualquer hora aquilo lá vai romper’	11
Título: Após audiência, indenizações seguem sem acordo	12
Título: ‘Vamos fazer ao menos uma venda de refinaria este ano’	13
Título: Horário de verão acaba hoje à meia-noite	18
VEÍCULO: Correio Braziliense	18
Título: Equipe sabia do risco, diz MP	18

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 16/02/2019****Seção: Espaço Aberto****Autor: Flávio Tavares****Título: Brumas de uma tragédia ao sol**

A tragédia dos resíduos de Brumadinho terá sido apenas um acidente brutal? Ou um crime articulado pela insânia da cobiça, em que a irresponsabilidade empresarial e a burocracia fiscalizatória se aliaram e inventaram a fantasia dos papéis? Tal qual no horror de 2015 em Mariana, a realidade virou acessório. Os licenciamentos "estavam em dia", mas as licenças não consultaram o mundo real. Nem mesmo o infortúnio nos despertou.

Simular que catástrofes são acidentes é grosseiro e nos faz cúmplices da catástrofe renovada. Conhecíamos o perigo das "barragens a montante", proibidas noutros países, mas nada fizemos. Três anos e meio depois do horror da lama ácida esterilizando terras férteis de Minas e Espírito Santo e transformando o Rio Doce em amargo fel quase sem vida, tudo se repetiu. Tal qual a extração de petróleo, a mineração é atividade destrutiva. Dilacera a natureza (e, assim, a vida), mas deixamos assim... Nosso poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, descreveu a dor pela transformação de sua mineira Itabira natal em crateras que viravam montanhas: "Por isto sou triste, ... de ferro./ Noventa por cento de ferro nas calçadas/ oitenta por cento de ferro nas almas/ ... mas como dói".

Tão só no terceiro trimestre de 2018, a Vale teve lucro líquido de R\$ 5,8 bilhões, que o presidente da empresa, Fabio Schvartsman, festejou como fruto da "otimização dos níveis de produção". Calou-se, porém, sobre os "níveis" de respeito à natureza, como se a natureza não fosse o núcleo do lucro. O "homem de preto" (tradução de seu sobrenome em alemão) ignorou o que não devia esquecer. Seguimos com a mentalidade extrativista dos séculos 17 e 18, furando o solo a esmo. Primeiro foi o ouro. Agora, o minério de ferro e suas cicatrizes colossais, que transformam áreas de exploração em quilométricas e profundas crateras estéreis, onde nem erva daninha brota.

Logo, as "barragens" – o descartado, que se faz resíduo ácido se acumula como montanha que, ao se romper, devasta tudo. Os corpos despedaçados de Brumadinho (alguns, só amontoados de vísceras) mostram a fúria.

Somente na chacina de Canudos, no século 19, morreram (ou "desapareceram"), em um só dia e de uma só vez, tantos ou mais do que agora. Milhares, narrou Euclides da Cunha neste jornal, em 1897. As fotografias de Flávio de Barros das esfarrapadas 400 mulheres e crianças "jagunças-

prisioneiras" testemunharam os sobreviventes. Neste 2019 não chegam a dez os resgatados com vida.

Hoje, 122 anos depois, já não se tratou de "operação militar" contra gente pobre que queria amar seu Deus e se governar à sua maneira. Mas o desprezo pela vida se agravou, destruiu o meio ambiente e esterilizou terras, rios e riachos.

Uma das maiores empresas do País cometeu o horror em nome do desenvolvimento econômico. As exportações fazem da Vale um de nossos símbolos mundo afora, e isso já a obrigaria a ter amor à terra da qual extrai tanta riqueza. Mas, após a catástrofe, uma das primeiras iniciativas foi contratar o "marqueteiro" Nizan Guanaes, que transforma absurdos em hábitos, como o tal de "adoro pizza com guaraná"... Onde está a responsabilidade empresarial?

A mineração, concessão do Estado, não dá "direito" a devastar. O que seria de um jornal que mentisse e inventasse – como as "redes sociais" –, só por agradar e ter lucro, não para informar e analisar? Em tudo, a responsabilidade deve começar pelo empresário. É impossível criar um "Estado policial-fiscalizatório", que vigie cada atividade – mineradora, abatedouro de frango, poço de petróleo ou floresta nativa.

Hoje, nossa mastodôntica engrenagem estatal se destina ao quase nada ou a ser corrompida. Presente em tudo com formulários e carimbos, é alheia ao fundamental. A parafernália burocrática ocupa espaços, mas pouco deixa para a realidade. No caso da mineração, o governo federal tem apenas 35 fiscais destinados às 790 barragens de resíduos espalhadas pelo País. O número ridículo desnuda tudo.

Por isso, a tragédia de Brumadinho vai além das centenas de mortos e "desaparecidos". Ou da devastação de terras férteis e rios. O terrível é nossa cumplicidade (direta ou indireta) num crime articulado pela irresponsabilidade empresarial e pelo descaso dos governantes. A cobiça foi ponto de partida e de chegada. A mineração é mais destrutiva do que o desmatamento. Podemos replantar árvores, mas... e os devastadores resíduos? Vemos a natureza como traste incômodo, não como suporte da vida no planeta, obra sagrada a preservar.

No Senado e Câmara dos Deputados, morreram nas gavetas todos os projetos de lei que ampliavam exigências sobre as barragens. Em 2014, a Vale e mineradoras menores financiaram a eleição de 145 deputados estaduais, 101 deputados federais e 10 senadores de 27 partidos, do PSL ao PCdoB, do MDB ao PT, PSDB, PP, DEM, PDT e rabichos de menor porte, e assim colheram o fruto do plantio milionário...

Na legislatura da Câmara concluída em 31 de janeiro, a Vale investiu mais de R\$ 82 milhões na "bancada da lama", liderada pelo deputado Leonardo Quintão, do MDB de Minas. Tudo passava por ele. Não reeleito, hoje está na Casa Civil, em Brasília, como um dos conselheiros do presidente Bolsonaro.

Na campanha presidencial de 2018, Jair Bolsonaro – o eleito – prometeu afrouxar as leis ambientais e acabar com "a indústria das multas", como ele inventou de chamar as punições. Mas as multas são só virtuais. Desde 2015 a Vale acumula R\$ 389 milhões em multas, sem ter pago um centavo. Recursos judiciais sem fim livram sempre os infratores. Ainda pensará em "afrouxar"? Seguiremos escondidos na bruma, sem ver o sol que a tragédia de Brumadinho mostra agora?

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 16/02/2019

Seção: Metrópole

Autor: RENATA BATISTA, JULIANA DIÓGENES, DANIELA AMORIM e LEONARDO AUGUSTO, ESPECIAL PARA O ESTADO

Título: Oito funcionários da Vale são presos; Promotoria mira cúpula da empresa

Brumadinho. Técnicos eram diretamente ligados à segurança da barragem que ruiu; acusados assumiram risco ao não tomar medidas mesmo após prever efeitos do rompimento, afirma juiz. Anteontem, presidente disse que companhia não pode ser condenada

RIO E BELO HORIZONTE

Oito funcionários da Vale foram presos ontem em Belo Horizonte, Itabira (MG) e Rio, como parte das investigações do rompimento da barragem de Brumadinho (MG), no dia 25, que deixou até ontem 166 mortos e 144 desaparecidos. As acusações incluem "conluio" para esconder informações sobre o reservatório. Além disso, foram cumpridos 14 mandados de busca e apreensão, um deles na sede da empresa. Uma das linhas de apuração envolve descobrir quem detinha informações sobre a barragem antes do rompimento.

Para o Ministério Público de Minas (MP-MG), não foi acidente, mas "crime doloso" (com intenção) e, por isso, é preciso investigar até a cúpula da Vale. "Neste momento, é necessária a tutela da investigação, para que se apurem todos os responsáveis pelo ato, se aqueles que ocupam os cargos mais relevantes da Vale S.A. tinham conhecimento da situação", escreveu o juiz Rodrigo Heleno Chaves, de Brumadinho, na sentença que autorizou as prisões temporárias por 30 dias. "É sim, possível, que os oito funcionários, mesmo não

querendo diretamente que o resultado ocorresse (a tragédia), tenham assumido o risco de produzi-lo, pois já o haviam previsto e aceitado suas consequências."

Anteontem, na Câmara dos Deputados, o presidente da Vale, Fábio Schvartsman, destacou que a mineradora é "uma joia, que não pode ser condenada por acidente que aconteceu em sua barragem, por maior que tenha sido a tragédia".

Entre os presos estão quatro gerentes (dois deles, executivos) e quatro integrantes das equipes técnicas da barragem: Joaquim Pedro de Toledo; Renzo Carvalho; Cristina Heloíza Malheiros; Artur Ribeiro; Alexandre Campanha; Marilene Christina Araújo; Hélio Márcio Cerqueira; e Felipe Rocha. Todos tinham, para o MP-MG, conhecimento de que havia problemas com a barragem. "Houve conluio de forma que fosse escondido do poder público a situação real da barragem. Funcionários participaram ativamente para dissimular a situação", diz William Coelho, promotor da área criminal da força-tarefa que apura a tragédia.

Outros três engenheiros da Vale e dois técnicos da consultoria alemã Tüv Süd, que havia atestado a estabilidade da barragem em 2018, já haviam sido detidos no dia 29, e soltos no dia 7. Este segundo pedido de prisão do MP-MG tomou por base a troca de e-mails entre funcionários da Vale e da Tüv Süd (mais informações nesta pág.). A Promotoria também pediu a prisão de outros quatro técnicos da Tüv Süd, o que foi negado pela Justiça ontem.

O juiz anotou que diante de todas as "anomalias verificadas" na barragem "desde meados de 2018, aliadas à alteração drástica nos piezômetros (medidores de água) verificada em janeiro de 2019, aparentemente não havia outra alternativa aos funcionários da Vale senão a de acionar o Paebm (Plano de Ação de Emergência para Barragens), com imediata evacuação da área".

O mandado de busca e apreensão na sede da empresa, diz o MP-MG, foi para recolher documentos do Conselho Administrativo da Vale. "Queremos saber como isso foi discutido na empresa. Se isso chegou ao conselho, aos órgãos da cúpula", disse o promotor Leandro Wili.

Em coletiva de imprensa esta semana, o diretor de Finanças e Relações com os Investidores da Vale, Luciano Siani, disse haver controvérsia sobre a necessidade de passar informações a escalões superiores de riscos em barragens, para que níveis hierárquicos inferiores tenham autonomia para ações emergenciais.

Pressão. Nos e-mails que dão base às prisões, o MP-MG vê pressão por parte de representante da Vale para que o laudo de segurança da barragem fosse

assinado. Coelho afirma que a palavra "blackmail", que significa chantagem, foi citada.

Campanha, executivo de geotecnia, havia sido citado por engenheiro Makoto Namba, da Tüv Süd, preso na outra operação do MP-MG. À Polícia Federal, Namba disse ter se sentido pressionado por ele a assinar laudo de estabilidade. À PF, Campanha negou o diálogo com Namba. Oficialmente, Tüv Süd e Vale dizem colaborar com as apurações.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 16/02/2019

Seção: Metrópole

Autor: Juliana Diógenes

Título: Horário de verão acaba em 10 Estados e DF

Nordeste volta a ficar com mesma hora de Brasília. Celular deve ter atualização automática

Odiado por uns e amado por outros, o horário de verão chega ao fim à meia-noite de hoje, quando os relógios devem ser atrasados em uma hora. A medida começou a valer em 4 de novembro, em dez Estados e no Distrito Federal. Por causa das eleições, a edição deste ano foi mais curta, com 105 dias, 21 a menos que no ano anterior.

Dessa forma, o Nordeste do País volta a ficar com o mesmo horário de Brasília. Já o leste do Amazonas e os Estados de Roraima e Rondônia ficam com uma hora a menos; enquanto o Acre e o oeste do Amazonas estão duas horas atrás. A depender das configurações, a alteração nos relógios, pode ser automaticamente feita pelas operadoras de telefonia celular. Mas é preciso ficar atento e checar se de fato ocorreu a atualização.

A São Paulo Transporte (SPTrans), autarquia que administra os ônibus municipais da capital paulista, informou que as linhas que operam até a meia-noite funcionarão até as 23h59 no sábado, já considerando o fim do horário de verão. O mesmo ocorrerá com outros modais, como o metrô.

Histórico. Inicialmente, um decreto previa que o horário de verão começasse à meia-noite do terceiro domingo de outubro do ano passado, dia 21. No entanto, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) solicitou que a mudança não coincidisse com o segundo turno das eleições deste ano, marcado para 28 de outubro.

Um decreto assim definiu o início do horário de verão para o primeiro domingo de novembro – como a data coincidiu com o primeiro dia de provas do Exame

Nacional do Ensino Médio (Enem), chegou-se a cogitar nova alteração, o que acabou sendo negado.

Em 2017, o presidente Michel Temer chegou a estudar acabar com o horário de verão. O motivo é a mudança no padrão de consumo de energia da população, cujo pico de consumo passou a ser entre 14 horas e 15 horas. Não se sabe se haverá discussão semelhante na gestão Jair Bolsonaro.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 16/02/2019

Seção: Mercado

Autor:

Título: Vale assume compromisso de não demitir em Brumadinho

Vale assumiu provisoriamente o compromisso de não dispensar ou transferir trabalhadores próprios e terceirizados que sobreviveram ao rompimento da barragem de Brumadinho (MG).

A decisão foi anunciada em audiência judicial realizada nesta sexta-feira (15), informou o MPT (Ministério Público do Trabalho).

“O MPT ajuizou medida pleiteando a estabilidade provisória para empregados próprios e terceirizados pelo prazo mínimo de três anos, proibição de transferências unilaterais e arbitrárias, o custeio integral pela mineradora do tratamento médico e psicológico para os trabalhadores e suas famílias”, disse o órgão em nota.

Durante a audiência, a Justiça negou pedido da Vale para revogar e reduzir o bloqueio de R\$ 1,6 bilhão. Procurada, a Vale não comentou.

Em audiência pública na Câmara dos Deputados, em Brasília, na quinta-feira (15), o presidente da Vale, Fábio Schvartsman, foi o único a não se levantar após um pedido por um minuto de silêncio em homenagem às vítimas.

O acidente matou pelo menos 166 pessoas.

O pedido pela homenagem partiu do diretor-geral da ANM (Agência Nacional de Mineração), Victor Hugo Fronner Bicca.

Todos os participantes da mesa se levantaram. Schvartsman foi o único a ficar sentado, com a cabeça baixa e mãos cruzadas.

O diretor de Comunicação da Vale, Júlio Gama, afirmou que Schvartsman respeitou o silêncio mantendo-se calado e de cabeça baixa.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 16/02/2019****Seção: Cotidiano****Autor: Thiago Amâncio, Paulo Gomes e Fernanda Canofre****Título: Polícia prende 8 funcionários da Vale em MG**

Gerentes agiram para mascarar condição de barragem que se rompeu em Brumadinho, segundo o Ministério Público

SÃO PAULO E BELO HORIZONTE - Uma operação deflagrada pelo Ministério Público de Minas Gerais, com apoio das polícias Civil e Militar, prendeu oito funcionários da Vale nesta sexta-feira (15).

A ação apura a responsabilidade pelo rompimento da barragem em Brumadinho, no último dia 25, que deixou ao menos 166 mortos. O número pode subir para 315, dado que ainda há desaparecidos.

Os investigados possuem cargos de gerência e de equipes técnicas. São eles: Joaquim Pedro de Toledo, Renzo Albieri Guimarães Carvalho, Cristina Heloíza da Silva Malheiros, Artur Bastos Ribeiro, Alexandre de Paula Campanha, Marilene Christina Oliveira Lopes de Assis Araújo, Hélio Márcio Lopes de Cerqueira e Felipe Figueiredo Rocha.

As prisões são temporárias, com prazo de até 30 dias. Segundo a Promotoria, os detidos são investigados para determinar a autoria ou participação em "centenas de crimes" de homicídio qualificado, considerado hediondo.

O juiz Rodrigo Heleno Chaves, de Brumadinho, afirmou que a prisão é imprescindível para as investigações do inquérito policial. "Ao que parece, os funcionários da Vale assumiram o risco de produzir o resultado pois, mesmo diante de novos elementos aptos a demonstrar a situação de emergência [...], não acionaram o Plano de Ação de Emergência de Barragens de Mineração (PAEBM)".

Segundo o Ministério Público, a Vale e a empresa alemã Tüv Süd agiram em conluio para "torturar os números" e mascarar a condição crítica da barragem, citando e-mails encontrados, mensagem e áudios em equipamentos apreendidos pela força-tarefa do MP e da Polícia Civil, que não foram revelados.

Um dos presos é Alexandre de Paula Campanha, gerente-executivo de Gestão de Riscos e de Estruturas Geotécnicas. Em depoimento à Polícia Federal, o engenheiro Makoto Namba, da Tüv Süd (que atestou a estabilidade de barragem), afirmou que Campanha o pressionou pelo laudo.

Joaquim Pedro de Toledo, outro gerente-executivo preso, era comunicado por seus subordinados de qualquer anomalia na estrutura da barragem. A decisão por adoção de providências para sanar qualquer problema era dele.

Eram seus subordinados Renzo, Cristina e Artur. Os três teriam conhecimento de risco na estrutura da barragem.

Uma troca de emails envolvendo Artur, Hélio Cerqueira —também preso nesta sexta, e da gerência de Campanha— e engenheiros da Tüv Süd nos dois dias que antecederam o rompimento deixa claro que eles sabiam da anormalidade presente nas medições dos piezômetros, equipamento que mede a pressão da água.

Com Felipe, Cerqueira gerenciava dados que denotaram o estado crítico da barragem.

Marilene era uma das inter-locutoras com a Tüv Süd e, portanto, uma das responsáveis pela auditoria que atestou a estabilidade da barragem.

Felipe Figueiredo Rocha, outro engenheiro preso, é autor de um documento da Vale que estimou em outubro de 2018 quanto custaria, quantas pessoas morreriam e quais as possíveis causas de um eventual colapso da barragem de Brumadinho.

Além deles, quatro funcionários da Tüv Süd foram alvo de busca e apreensão em São Paulo e Belo Horizonte. O Ministério Público pediu a prisão desses funcionários, alegando que teriam participado de um esquema patrocinado pela Vale no sentido de maquiar dados técnicos, o que foi negado pela Justiça.

Também foi feita busca e apreensão de documentos e provas na sede da Vale, no Rio. Foram apreendidos computadores, celulares e documentos. O material será analisado pelo Ministério Público.

Em nota, a Vale diz que continuará contribuindo com as investigações. A Tüv Süd não respondeu aos pedidos de contato feitos pela Folha.

VEÍCULO: O Globo

Data: 16/02/2019

Seção: O País

Autor: SILVIA AMORIM

Título: Brumadinho: polícia prende 8 funcionários da Vale

De acordo com promotor, 'conluio' entre empresas levou ao rompimento de barragem em Minas Gerais

Oito funcionários da Vale — dois executivos, dois gerentes e quatro integrantes da equipe técnica — foram presos ontem. De acordo com o Ministério Público, todos tinham conhecimento da situação de instabilidade da barragem de Brumadinho, que rompeu em 25 de janeiro, e poder, dentro da hierarquia da empresa, para providenciar a estabilização da estrutura do reservatório ou a evacuação das áreas de risco.

O objetivo das prisões, que devem durar 30 dias, é apurar a responsabilidade criminal pelo desastre que causou a morte de ao menos 166 pessoas e deixou 155 desaparecidos. A polícia também cumpriu 14 mandados de busca e apreensão em três estados. Policiais foram até a sede da Vale, no Rio para recolher documentos e computadores que possam auxiliar na investigação. Outros mandados de busca foram cumpridos em Minas Gerais e São Paulo, ligados a quatro funcionários da empresa alemã Tuv Sud — que emitiu dois laudos no segundo semestre de 2018 atestando a estabilidade da barragem.

Também ontem, o promotor responsável pela investigação da queda da barragem, William Garcia Pinto Coelho, afirmou que o MP já tem indícios de que houve um conluio entre funcionários da Vale e da Tuv Sud para maquiar a situação de risco da barragem.

— Nas provas analisadas até o momento percebe-se uma intensa articulação para torturar os números de forma a atestar a estabilidade da barragem, apesar de seu estado crítico de segurança. Já podemos dizer que temos indícios de que houve um conluio para apresentar ao poder público uma declaração de estabilidade que não refletia a situação técnica crítica da barragem.

Ontem dois presos — Cristina Malheiros e Felipe Rocha — prestaram depoimentos à força-tarefa do MP e da Polícia Civil de Minas Gerais. As oitivas vão prosseguir na próxima semana.

Por enquanto, o Ministério Público afirmou não ter documentos que mostrem que executivos do alto comando da Vale, como o presidente Fabio Schvartsman, tinham conhecimento da segurança crítica da barragem e da “maquiagem” de laudos técnicos.

— É prematuro afirmar qualquer coisa nesse sentido.

Para o MP, os funcionários presos ontem sabiam dos riscos da barragem.

— Dentro de suas atribuições eles poderiam intervir e não fizeram nada nesse sentido — disse o promotor.

As investigações apuram o cometimento de crimes como homicídio doloso e falsidade ideológica, além de crimes ambientais.

— Documentos coletados demonstram que não foi acidente. Funcionários da Vale tiveram acesso a documentos que mostravam o estado crítico da barragem e, portanto, assumiram o risco do resultado morte — defendeu Coelho.

LAUDO DE SEGURANÇA

Um dos presos é o gerente-executivo da Vale, Alexandre Campanha. O engenheiro Makoto Namba, da empresa alemã Tuv-Sud, disse em depoimento à Polícia Federal que Campanha o pressionou para assinar rápido o laudo que atestou a segurança da barragem no segundo semestre do ano passado.

Os outros funcionários da Vale presos são Artur Bastos Ribeiro, Cristina Heloíza da Silva Malheiros, Felipe Figueiredo Rocha, Hélio Márcio Lopes da Cerqueira, Joaquim Pedro de Toledo, Marilene Christina Oliveira Lopes de Assis Araújo e Renzo Albieri Guimarães Carvalho.

Em nota, a empresa informou que colabora plenamente com as autoridades e permanecerá contribuindo com as investigações para a apuração dos fatos, juntamente com o apoio incondicional às famílias atingidas.

VEÍCULO: O Globo

Data: 16/02/2019

Seção: O País

Autor: CLEIDE CARVALHO

Título: 'Corra, porque qualquer hora aquilo lá vai romper'

Filho de funcionário antigo de mina diz em depoimento que seu pai fez alerta sete meses antes da tragédia e sugeriu evacuação

Sete meses antes da tragédia em Brumadinho, um dos mais antigos funcionários da Mina do Córrego do Feijão havia dito à direção que a barragem “estava condenada e não tinha mais conserto”. Olavo Henrique Coelho, que trabalhava há 16 anos na Vale e há 35 anos na mina, foi um dos mortos na tragédia. O relato do filho dele, Luciano Coelho, integra a decisão do juiz Rodrigo Chaves, que determinou a prisão ontem de oito funcionários da Vale.

Luciano contou ao Ministério Público de Minas Gerais que seu pai não tinha estudo, mas tinha experiência prática em barragem. Costumava ser chamado por técnicos e engenheiros para opinar toda vez que surgia algum problema em estrutura de barragem.

Sete ou oito meses antes da tragédia de Brumadinho, segundo Luciano, Coelho havia sido chamado por três responsáveis pela mina porque estava brotando lama na rampa da barragem. Ainda segundo Luciano, o pai foi ver o que estava

acontecendo e disse aos gerentes que era para tirar “o pessoal todo do Córrego do Feijão”, porque a barragem “estava condenada e não tinha mais conserto”.

Os chefes teriam dito ao antigo funcionário que não poderiam tirar todo mundo, porque tinha “muita gente envolvida e empregos”, e que iriam contratar uma empresa especializada, de urgência, para consertar a barragem.

Luciano contou que, depois disso, seu pai lhe chamou e fez uma recomendação: “Filho, você que trabalha próximo à barragem, não fica em parte baixa não. Caso ocorra algum barulho, corra (para local seguro), porque a qualquer hora aquilo lá vai romper”.

Ao determinar a prisão, o juiz Rodrigo Chaves afirmou em despacho que, de acordo com os depoimentos já coletados na investigação, todos os oito funcionários da Vale tinham conhecimento da situação precária da barragem desde o primeiro semestre de 2018. Segundo o juiz, esses funcionários da Vale assumiram o risco de não acionar o plano de emergência e realizar a evacuação da área. A barragem se rompeu no dia 25 de janeiro, deixando pelo menos 166 mortos já identificados até agora.

As investigações incluem uma série de e-mails entre os funcionários da Vale e da consultoria Tuv Sud, que atestou a estabilidade da barragem. Nas mensagens, de acordo com o juiz, fica claro que os problemas já tinham sido detectados desde maio de 2018 e que os funcionários da Vale sabiam que algo deveria ser feito.

Os oito funcionários da Vale presos eram responsáveis pela gestão de risco da mina e pelo monitoramento da barragem. Segundo as investigações, eles previam medidas para reduzir a instabilidade, como um rebaixamento no lençol freático e a remineração da barragem. Os e-mails trocados com consultores da Tuv Sud, porém, indicam que as medidas surtiriam efeito apenas em dois a três anos.

Olavo Henrique Coelho tinha 63 anos e era inspetor de barragem. O nome dele aparece na lista da Vale entre os mortos que já foram identificados.

VEÍCULO: O Globo

Data: 16/02/2019

Seção: O País

Autor:

Título: Após audiência, indenizações seguem sem acordo

Ministério Público e Vale não chegaram a uma definição sobre valores; empresa se comprometeu a pagar funeral e liberar seguro

O Ministério Público do Trabalho de Minas Gerais (MPT-MG) e a Vale participaram ontem de uma audiência de conciliação na Justiça, em Betim, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Entre os itens acordados, a Vale se comprometeu a pagar as despesas com o funeral das vítimas, liberar o seguro de vida dos funcionários que trabalhavam na mineradora e a pagar o tratamento psicológico e psiquiátrico para quem foi afetado pelo rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão, em Brumadinho.

Alguns pontos não tiveram uma decisão, como o valor das indenizações que deverão ser pagas aos familiares das vítimas.

A Vale também se comprometeu a apresentar a relação de trabalhadores da mineradora e de terceirizados e a continuar pagando salários para os funcionários desaparecidos. A empresa terá de apresentar documentos que ainda não mostraram, como cumprimento de normas de segurança do trabalho. Não transferir e não demitir ninguém até a próxima audiência, na próxima sexta-feira, dia 22, também foi outro ponto acertado.

Em relação à indenização para os familiares das vítimas, a Vale propôs pagar R\$ 300 mil para os cônjuges ou companheiros, R\$ 300 mil para cada filho ou filha, R\$ 150 mil para cada pai e mãe e R\$ 75 mil para cada irmão ou irmã. Segundo o acordo, as indenizações seriam pagas pela Vale a famílias de funcionários próprios e terceirizados.

MP APRESENTA PROPOSTA

Já o Ministério Público do Trabalho de Minas apresentou à Vale uma proposta para que seja assegurado o pagamento de, no mínimo, R\$ 2 milhões de indenização por dano individual ao grupo familiar dos trabalhadores mortos ou desaparecidos no rompimento da barragem, desde que haja oitiva prévia e concordância expressa dos beneficiários.

Ainda ontem, a Advocacia Geral da União (AGU) informou ter fechado um acordo com a Vale, pelo qual a mineradora pagará os testes de qualidade da água na região de Brumadinho. A Vale confirmou o acordo. (Com informações do G1)

VEÍCULO: O Globo

Data: 16/02/2019

Seção: Economia

Autor: RAMONA ORDOÑEZ, BRUNO ROSA E JANAINA LAGE

Título: 'Vamos fazer ao menos uma venda de refinaria este ano'

Executivo quer reduzir fatia na área de refino dos atuais 98% para menos de 50%. Ele tem como meta recuperar o grau de investimento da estatal em 3 anos. Para 2019, prioridade é vender parte das operações

Há dois meses à frente da estatal, Roberto Castello Branco elegeu a venda de parte das operações da companhia como prioridade. Um dos desafios é incentivar a concorrência no mercado de refino, aberto à iniciativa privada em 2001, mas no qual a estatal detém fatia de 98%. O executivo quer vender ao menos uma das refinarias este ano. O foco de sua gestão é o corte de custos.

Os esforços devem se concentrar no pré-sal, com destaque para o megaleilão, que ainda depende de um ajuste de contas da Petrobras com o governo sobre o contrato da cessão onerosa (área cedida pela União com direito a explorar 5 bilhões de barris). Num horizonte de três anos, Castello Branco almeja recuperar o grau de investimento da companhia, o selo de qualidade dos investidores, perdido em 2015, na esteira do rebaixamento da nota do Brasil e da corrupção revelada pela Lava-Jato.

Qual é a prioridade do seu primeiro ano de gestão?

É a melhoria no portfólio, com a venda de ativos. Outra coisa é reduzir o nível de alavancagem e a busca por uma dívida menor e mais longa. Já chegamos a um prazo de quase nove anos. Vamos trabalhar para superar os dez anos para minimizar o risco de financiamento. Para o médio prazo, vamos recuperar o investment grade (grau de investimento), pois tem impacto sobre o custo do capital. Isso é uma meta.

E quando espera recuperar o grau de investimento?

Talvez em três anos, mas o importante é trabalhar nessa direção. O rating da Petrobras está atrelado ao do Brasil. Existe uma relação entre os dois. O do país pode atuar para limitar o da Petrobras, e ao mesmo tempo o da empresa pode influenciar o do Brasil, dado o tamanho da companhia para a economia. Em 2005, a Vale conquistou o investment grade, e o Brasil só conseguiu em 2008. Esperamos que o Brasil vá melhorar, com o esforço das reformas, como a da Previdência. Se o Brasil persistir nessa direção, vai melhorar muito a percepção de risco.

A companhia vai manter o plano de investir US\$ 84,1 bilhões entre 2019 e 2023?

O investimento é o mesmo, com pequenas variações. Não pretendemos investir em petroquímica. O valor que estava orçado no Plano de Negócios é pequeno (de US\$ 300 milhões). Vão acontecer leilões, mas os dispêndios não estão previstos no plano.

Então, não vai mais investir em petroquímica?

Não temos interesse. É preciso fazer economia em tudo. Um dólar é sempre um dólar. Antes de gastar, é preciso ver o que aquele dólar vai me trazer de bom.

Mas não é importante ter negócios em todas as etapas da cadeia de petróleo?

Eu costumo dizer que não quero ser John Malkovich. Cada empresa tem sua particularidade. Vejo as empresas de petróleo vendendo refinarias para traders.

Qual a sua meta em relação ao setor de refino, no qual tem 98% do mercado?

Minha ideia é ficar com menos de 50% da capacidade do refino. Estamos estruturando como fazer, porque queremos criar um mercado competitivo. Não adianta transferir o poder do mercado da Petrobras para a iniciativa privada.

Quando começa a vender as refinarias?

Vamos ter pelo menos uma venda de refinaria este ano. O projeto de venda vai ser diferente do que já foi anunciado. A empresa pode comprar a refinaria e alugar serviços (de infraestrutura).

Já chegou a um acordo com os chineses para construir uma refinaria no Comperj?

Ainda não. Pessoalmente, ainda não estive com eles. Se eles quiserem fazer uma refinaria, ótimo. Vamos dar o maior apoio e incentivo. Se não quiserem, não somos nós que vamos construir. O momento é de vender refinaria.

A liberdade de preços é fundamental para atrair investidores no refino?

Se não tem liberdade de preços, o investidor não tem segurança. Ele vai embora.

Depois da greve dos caminhoneiros em maio do ano passado, qual vai ser a política de preços para os combustíveis?

Detesto falar em política de preços. Não existe isso para café e sanduíche. Existem preços. Quero tirar política de preços da frente. O preço tem de ser algo que resulte da relação entre fornecedor e cliente.

Qual é a estratégia para a BR?

A ideia é fazer operações de mercado de capital. É aumentar a parcela em mãos de investidores privados. Pode até ser (vender) o controle, mas não está definido.

Vai cortar investimento em energia renovável?

A gente vai reduzir. Pode ser tudo. Pode ser alguma coisa. Vamos segurar um pouco a empolgação e ser mais cautelosos. O objetivo é maximizar a produção de petróleo do pré-sal. Temos que ter em mente que a demanda por petróleo no futuro vai crescer mais lentamente. A médio prazo, a prioridade é o gás natural, que é pouco desenvolvido no Brasil.

Qual é o caminho para alcançar as metas?

Vamos reduzir custos que não estavam previstos no plano. Ainda não temos uma meta de redução. Estamos desenhando um programa para incentivar nossos colaboradores a apresentarem propostas que levem a redução de custos e ganhos de eficiência. Esperamos que centenas de pessoas apresentem ideias que podem levar a pequenas reduções. Se efetivadas, o somatório dará um valor significativo.

Mas essa cultura já não estava implantada na empresa?

Não, porque não tinham ocorrido iniciativas desse tipo. Havia ações de forma geral, envolvendo redução do número de empregados e terceirizados. Redução de custos não significa apenas demissão de pessoas.

A companhia vetou o nome de Carlos Victor Guerra para o cargo de gerente executivo de Inteligência e Segurança Corporativa. O que houve?

Já explicamos. É engraçado. É só porque ele é amigo do presidente Jair Bolsonaro que surgiu toda essa celeuma. Todo mundo que é indicado aqui para um cargo sofre um processo de checagem. Então, ele fez e não passou porque não tinha experiência gerencial. Isso é uma comprovação de que a governança aqui é forte.

Isso não seria critério básico?

Nas Forças Armadas, um tenente não pode pular direto para general. Aqui existe uma obrigação de que a pessoa tem que ter passado um período em cargo gerencial.

E na diretoria executiva há cargos abertos?

Na área de Gás, já tem uma indicação. Pretendemos acabar com a diretoria de Estratégia. Talvez fiquem seis diretorias ou eu crie uma nova diretoria, que está sendo estudada.

Qual seria a nova diretoria?

Seria a diretoria de Relações Institucionais, porque a Petrobras, como empresa regulada e estatal, tem muita relação com governos, Poder Legislativo, Judiciário e órgãos de controle. Temos pessoas que exercem essas funções, mas é fragmentado. Então, queremos ter uma linha de pensamento e centralização. Essa área também ficará responsável pelo relacionamento com comunidades, próximo a locais onde temos operações.

Como estão as negociações sobre a cessão onerosa?

O importante é que o leilão (do excedente da cessão onerosa) seja realizado. E o que o governo nos der pelo contrato (da cessão onerosa), vamos devolver entrando no leilão. Sai de um bolso e entra no outro. Todas as opções estão na mesa. A meta é chegarmos a um acordo até o fim do mês.

A Petrobras pode receber menos de US\$ 14 bilhões?

Não sei.

Mas esse pagamento à Petrobras pode romper o teto de gastos do governo?

É uma das questões em discussão: como evitar que o governo rompa o teto de gastos. Mas é importante a Petrobras participar do leilão. As empresas estrangeiras não têm experiência no pré-sal. Todas vêm aqui conversar. Somos a noiva do leilão. Todo mundo quer casar com a gente.

A empresa virou a página da corrupção? Por quanto tempo vai carregar essa conta?

A venda de Pasadena simbolizou isso. (Vai carregar a conta) por um longo período. O principal já foi resolvido, mas sobram pendências.

O senhor sempre foi defensor da privatização da Petrobras. Agora, no comando da estatal, sua opinião mudou?

Não mudou. Simplesmente, antes eu era só um economista. Hoje, sou executivo. E a determinação do presidente da República que foi eleito pelo povo é que eu tenho liberdade de ação, menos para privatizar a companhia.

VEÍCULO: O Globo**Data: 16/02/2019****Seção: Economia****Autor: BRASÍLIA E RIO****Título: Horário de verão acaba hoje à meia-noite**

O horário de verão vai acabar na virada de hoje para domingo, quando os relógios de verão ser atrasados em uma hora. Em vigor desde 4 de novembro de 2018, a mudança obrigou dez estados — além do Distrito Federal — a ajustarem os ponteiros: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Espírito Santo.

Desta vez, a duração do horário de verão foi mais curta do que o normal. Historicamente, esse período começa no terceiro domingo de outubro, mas seu início em 2018 foi adiado em razão do segundo turno das eleições, a pedido do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Se não houvesse adiamento, aumentaria a diferença de horário entre os estados do Sul e do Sudeste e os que já têm fuso diferente, atrapalhando a divulgação dos resultados das urnas.

ATENÇÃO A HORÁRIO DE VOO

Com o fim do horário de verão, será preciso ficar atento aos aparelhos celulares. Antes da sua implantação, em novembro, muitas operadoras de telefonia promoveram ajustes em seus sistemas para a atualização automática dos telefones. Os celulares de muitos clientes passaram a exibir o horário de verão antes de sua entrada em vigor.

Preocupada com a possibilidade de que os passageiros percam seus voos, a Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear) chama a atenção para o fato de que a hora marcada no bilhete já leva em conta o horário vigente na data da viagem.

VEÍCULO: Correio Braziliense**Data: 16/02/2019****Seção: Brasil****Autor: Renato Souza****Título: Equipe sabia do risco, diz MP**

Em mais uma operação policial relacionada ao rompimento da Barragem 1 da Vale, oito funcionários da empresa foram presos, acusados de envolvimento na emissão dos relatórios e no planejamento de ações de segurança do empreendimento que entrou em colapso na região de Brumadinho (MG). De

acordo com o Ministério Público, existem provas suficientes de que funcionários sabiam do desastre e, mesmo sob diversos avisos, “ficaram inertes” diante do risco. Na decisão que autoriza o cumprimento dos mandados, o juiz Rodrigo Heleno Chaves destaca declarações de empregados da mineradora ressaltando que a situação de instabilidade era conhecida havia meses.

Foram cumpridos, em Minas Gerais, 14 mandados de busca e apreensão e oito de prisões temporárias (válidas por 30 dias), o que revela que as detenções estão fundamentadas na lei que trata dos crimes hediondos. As ações também ocorreram no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na decisão, o magistrado afirma que os presos “tinham pleno conhecimento da situação de instabilidade da barragem B1”, na Mina do Córrego do Feijão. Ele cita o depoimento do funcionário Luciano Henrique Barbosa Coelho, filho de Olavo Henrique, empregado que atuou durante 35 anos na Mina.

De acordo com o depoimento de Luciano, prestado ao Ministério Público, o pai dele relatou que foi procurado “há uns sete ou oito meses” para avaliar um vazamento de lama na barragem. Ele disse que orientou os responsáveis, inclusive os presos na ação de ontem, a “retirar todo mundo de lá”, pois a estrutura estava comprometida e nada poderia ser feito para recuperá-la. No entanto, de acordo com o Ministério Público, os procedimentos não foram realizados, o que resultou na tragédia humana que se abateu sobre a região.

“Os chefes, técnicos e gerentes presentes disseram que não poderiam tirar o pessoal de lá porque é muita gente envolvida e empregos, dizendo que iam contratar empresa especializada de urgência para consertar a Barragem I”, contou Luciano. O pai dele morreu no desastre. Ele não tinha formação técnica na área, mas, por conta da experiência com a estrutura, sempre era chamado para avaliar os problemas.

Pressão

Entre os presos está Alexandre de Paula Campanha, um dos gerentes da mineradora. Ele foi citado por engenheiros da empresa TÜV SÜD — que tinham sido presos em 29 de janeiro —, contratados pela Vale para emitir laudos atestando a segurança da barragem. Campanha teria pressionado os engenheiros a assinar o documento, ameaçando que, caso não o fizessem, perderiam o contrato.

O delegado Bruno Tasca, chefe do Dema, destaca que os presos vão responder por perdas naturais e humanas em decorrência do desastre. “Eles podem responder por crimes ambientais e homicídios qualificados, porque não houve possibilidade de defesa das vítimas, já que a lama veio daquela forma”, afirmou.

Em nota, a Vale considerou “as prisões desnecessárias porque os funcionários já

havam prestado depoimento de forma espontânea e sempre estiveram disponíveis para esclarecimentos às autoridades”. A mineradora afirmou ainda que seguirá “contribuindo com as investigações”.

Os alvos

Funcionários detidos

» Alexandre de Paula Campanha

Gerente executivo da Geotécnia Corporativa da Vale

» Artur Bastos Ribeiro

Integrante da Gerência de Geotécnia

» Renzo Albieri Guimarães Carvalho

Integrante da Gerência de Geotécnia

» Cristina Heloíza da Silva Malheiros

Integrante da Gerência de Geotécnia

» Felipe Figueiredo Rocha

Integrante do setor de Gestão de Riscos Geotécnicos

» Hélio Márcio Lopes da Cerqueira

Integrante do setor de Gestão de Riscos Geotécnicos

» Joaquim Pedro de Toledo

Gerente executivo da Geotécnia Operacional da Vale

» Marilene Christina O. Lopes de Assis Araújo

Integrante do setor de Gestão de Riscos Geométricos

MME / ASCOM .